

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 628



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCINDO

A INAUGURAÇÃO DO ANIMATOGRÁFO

POR VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



CARACOL
Trepá-Muros não era um caracol vulgar, destes molengões que, lá porque têm a casa às costas, se tornam neurasténicos, sem outro fito que não seja

pôr os pauzinhos ao sol e besuntar de baba nojenta os troncos onde vivem agarrados.

O Trepá-Muros era empreendedor, cheio de idéas modernas, detestando aquela vida rotineira dos seus semelhantes, que não viam um palmo adiante do nariz.

A sua alegria, vivacidade e despreocupação, até lhe tornavam a casinha mais leve; por isso, andava sempre num vírote, pondo em prática empreendimentos nunca sonhados na sociedade acanhada da horta onde vivia.

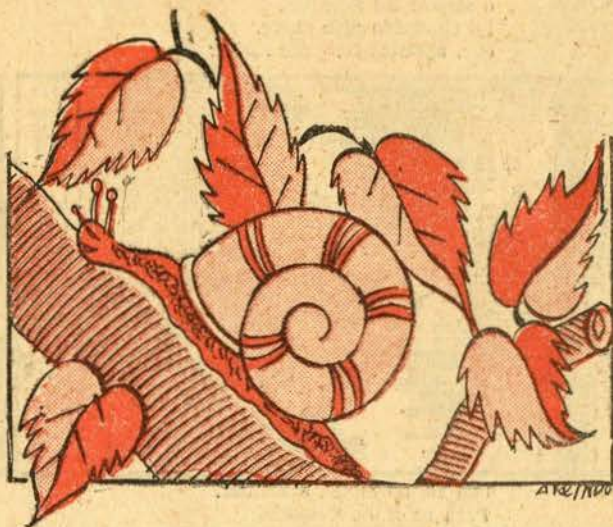
Tivera a sorte de encontrar uma senhora formiga, azougada e esperta, que lhe fazia bela companhia, compreendendo, à legua, tudo o que ele imagi-

nava para tornar a vida interessante.

A formiga Ribitiga — era este o seu nome — desertara do formigueiro, que não admitia, está bem de vêr, as suas idéas avançadas.

Ora, há tempos, que os dois amigos andavam trantando duma inovação: um animatógrafo para distrair a bicharada, que morria de aborrecimento, só ouvindo a monótona sanfona dos rálos, cigarras e grilos.

O local escolhido fôra uma alface repolhuda e o écran uma folha de rosa, muito transparente, onde as fitas passariam.



Já tinham falado com um pirlampo, bichinho em quem tinham achado éco. Seria ele o iluminador.

A Ribitiga e o Trepá-Muros prestavam-se para fazer as sombrinhas que compunham as fitas inventadas a ca-

(Continua na pág. 8)

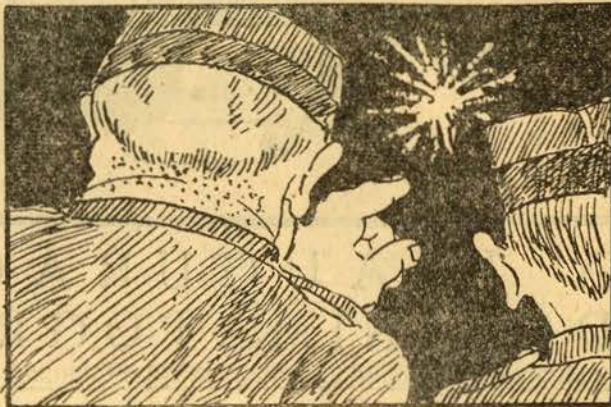


ZÉLO EXCESSIVO

POR FELIZ VENTURA



Quando entrou para a policia,
o senhor Zé Serafim,
foi chamado pelo chefe,
que, apontando, disse assim:



O senhor, de hoje em diante,
tem a sua área marcada,
faz serviço desde aqui
até à luz encarnada,



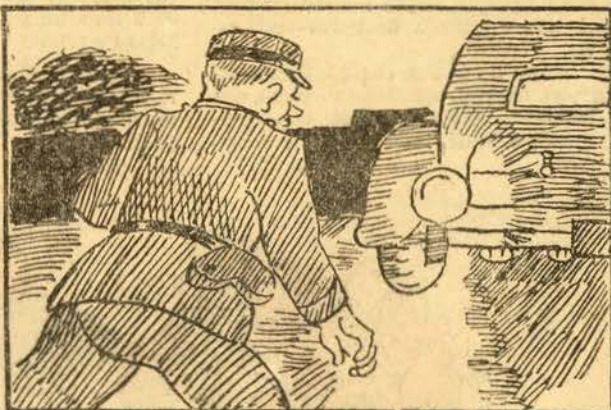
que vê, ao longe, a brilhar.
Para se ir habituando,
pode, se quer, começar
a ir até lá andando.»



O nosso bom Serafim,
logo o conselho seguiu,
mas, durante uns quinze dias,
na esquadra ninguém o viu.



E o seu chefe furibundo,
quando êle lhe apareceu,
gritou-lhe, fulo, raivoso,
— «Onde foi que se meteu?



Eu não lhe marquei o sitio
que devia percorrer?
E porque é que logo, então,
não me quis obedecer?»

— «Eu fiz o que o chefe disse
e essa foi a minha asneira,
pois a tal luz era um carro
que foi até à Figueira.»

O CASTIGO da PRINCÊSA MÁ

(DA TRADIÇÃO POPULAR)—POR JOSÉ CASTILHO VAZ



OUVE em tempos, muito remotos, um país governado por um rei muito caritativo, chamado D. Fernando (O Bondoso), que o seu povo deveras estimava. Todo o seu reino era um dos mais bonitos daquele tempo.

D. Fernando tinha uma filha, linda como os amôres, chamada Bela-Flôr, mas sofria um grande desgosto, o de sua filha ser muito má e ruim, pois nunca dava uma esmola a um pobre e ainda lhes batia.

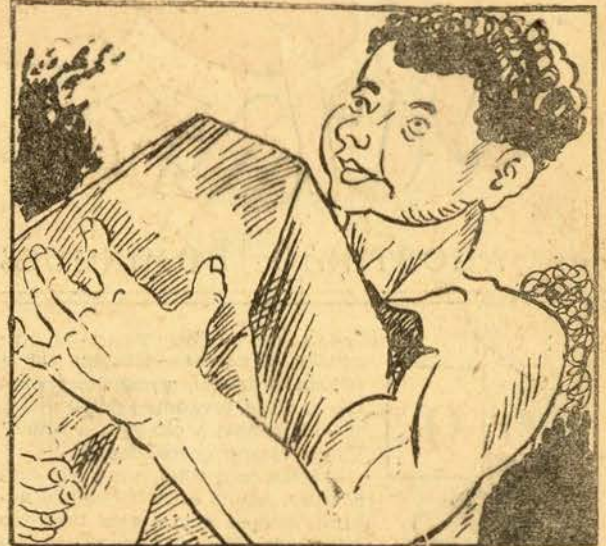
Por isso, era mal vista pelo povo, o que representava para o pobre pai um desgosto muito grande.

Um dia, andava a princesa a passear no jardim, quando surge uma velhinha, tôda esfarrapada, que lhe pediu uma esmola. A princesa respondeu-lhe:

—«Vai-te, velha maldita; não tenho nada que te dar! Sai já, se não queres que te mande expulsar pelos meus soldados.»

A velhinha, que era uma Fada boa, disfarçada em pôbrezinha, deixou cair o hábito de mendiga e disse-lhe:

—«Já que és tão má, vou-te castigar, transformando-te numa enorme pedra. Só voltarás à tua forma primitiva se



alguém fôr capaz de erguer a pedra e de a molhar no lago.»

A princesa, cheia de medo, quis gritar mas não pôde, porque a boa Fada já lhe tinha tocado, tendo-se ela logo transformado em pedra. Era já noite alta, ainda a princesa não tinha regressado ao palácio. O rei, muito inquieto, mandou soldados por tôdas as partes do reino, para vêr se a encontravam, mas tôdas as pesquisas foram inúteis. O rei, tendo já perdido tôdas as esperanças de rehaver a filha, pôs-se a chorar. Nisto, apareceu-lhe a Fada boa e disse-lhe:

—«A tua filha não morreu! Castiguei-a, transformando-a numa enorme pedra, e só voltará à sua forma primitiva se alguém fôr capaz de a levantar e de a molhar no lago.»

O rei, já cheio de esperanças, mandou soldados por tôdo o reino, a fim de procurarem homens fortes, capazes de tal feito. Muitos vieram ao palácio, mas nenhum dêles foi capaz de erguer a pedra. O rei ainda mais triste ficou.

Perto do palácio vivia um pobre pastor, rapagão muito forte, chamado José Valentão. Este, assim que soube o que se passava, dirigiu-se ao rei e disse-lhe que era capaz de levantar a pedra com uma só mão. José foi conduzido para o local onde se encontrava a pedra e, agarrando-a, com uma só mão, molhou-a no lago, fazendo reaparecer a princesa, que pediu perdão ao pai e prometeu que nunca mais seria má.

O rei, então, para premiar José Valentão, deu-lhe a sua filha em casamento. José Valentão e a princezinha viveram muitos anos e foram muito felizes.



O clarão do céu

Por AGOSTINHO DOMINGUES



menino José da Costa Faria — na intimidade, o «Zeca» — também viu o fenómeno do céu, a mancha vermelha e, aflito, perguntou ao pai:

— «Paizinho, o céu está a arder? Vamos morrer queimados?!»

— «Não, meu filho, o céu não está a arder. Aquilo é um fenómeno natural, embora raro a uma hora tão adiantada. Não oferece perigo nenhum; não tenhas, pois, medo...»

— «Mas estão ali a dizer que vai acabar o mundo...»

— «O mundo só acaba para aqueles que vão morrendo.



Eu, tu e toda a gente morreremos, quando chegar a nossa vez e o mundo continuará a existir durante tanto tempo que será impossível contá-lo.»

— «Que é, então, aquilo encarnado que se vê no céu?»

— «É difícil, meu filho, fazer compreender ao teu pequenino cérebro a explicação que eu dou ao fenómeno. Mas vamos a vêr se o consigo. Tu já viste coisa semelhante, sem

te assustares, apenas porque é de observação diária. Não tens visto, de madrugada, pouco antes do sol aparecer, acolá para os lados do Nascente, um clarão ainda maior do que este?»

— «Tenho, sim, paizinho.»

— «E, à tarde, pouco depois de o sol desaparecer, não observaste, daquele lado, no Poente, uma larga e linda franja dourada?»

— «Vi isso, vi. E quando estava na praia, achava mais bonito ainda...»

— «Mas nem só para esses lados se vêem, ao nascer e pôr do sol, franjas ou nuvens douradas. Elas aparecem muitas vezes em qualquer altura do céu, por cima, na frente ou por detrás de nós. E a causa é sempre a mesma: é porque recebem a luz do sol, quando ele está para aparecer ou já desapareceu.»

— «Então, se ele desapareceu, como é que pode iluminá-las ainda? O sol não se deita e levanta, todas as noites, como nós?»

O pai sorriu da ingenuidade do filho, cujo desenvolvimento intelectual se lhe revelou mais atrasado do que supunha mas, pacientemente, prosseguiu na lição:

— «Não, meu filho, o sol não se deita nem levanta; faz, como eu te disse: aparece e desaparece.»

— «E' como se andasse a jogar as escondidas connosco, não é?»

— «Sim; mas nós é que nos escondemos. Ele está sempre no mesmo sitio...»

— «Não compreendo.»

— «Mas vais compreender. O sol aparece e desaparece, porque a terra, este mundo que habitamos, não está quieta. Quando viajas de comboio ou de automóvel, não vais vendo ficarem para trás de tí, desaparecerem, sucessivamente, árvores, campos e casas? Pois o mundo é como um grande comboio, sempre em marcha.»

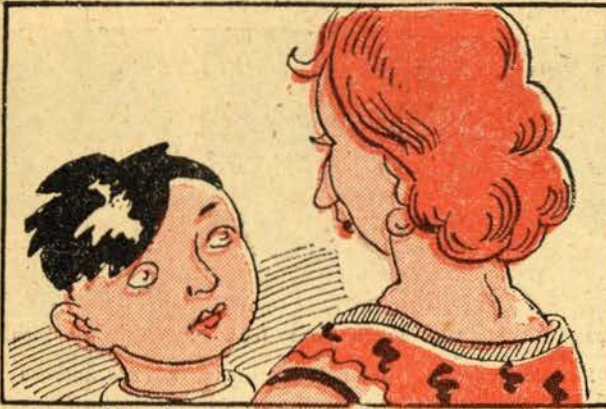
— «Mas eu não o vejo nem o sinto andar...»

— «Porque é muito grande e leva consigo todas as coisas que, quando viajas de automóvel ou de comboio, vemos ficarem para trás. Aquilo que está fora do mundo, o sol e os outros astros, é que não nos acompanham nesta viagem contínua, de noite e de dia. Por isso, os vemos, principalmente o sol, porque é maior, ficarem para trás.»

— «E como é que ele nos aparece, ora de um lado, ora do outro? A gente foge dele, mas logo nos aparece de outro lado...»

— «E' que a terra é redonda, como uma laranja, e gira em volta de si mesma, como um pião ou uma bola. Exemplifiquemos: Temos aqui uma laranja, que pode servir de mundo e, no tecto, a lâmpada acesa, que pode representar o sol. Eu faço girar a laranja sobre si mesma, assim (e fê-la desandar entre os dedos), em frente da lâmpada; Supõe que tu estavavas num ponto da laranja; por exemplo neste, onde eu espêto o pedaço de um palito. Repara bem: a laranja é

A ESPERTEZA do ZÈZITO



Um dia, a mãe ao Zèzito
preguntou isto à lição:
«Disseste que a Natureza
Tem três reinos. Tens razão.



Mas, agora, explica a qual
dos reinos pertence o homem?
Não sabes? Mas que vergonha
que por madraço te tomem!»



«Não, mãizinha, eu estudei
E não vou responder mal.
Por isso, digo-te já
Que pertence ao mineral.»



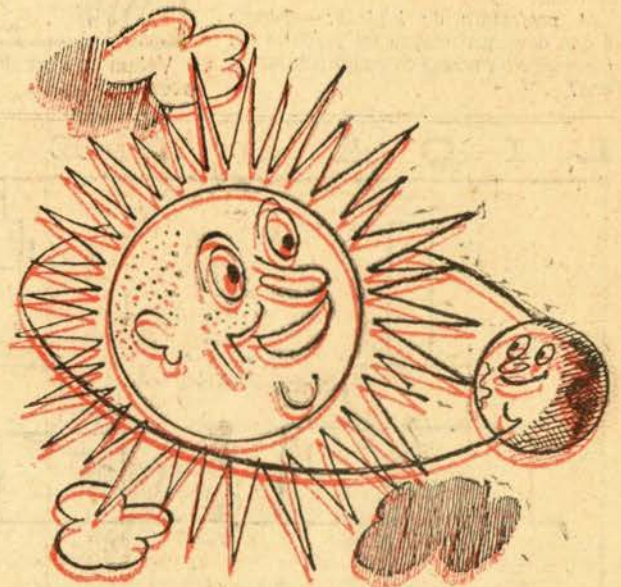
«Ao mineral? Mas que idéa!
— diz a mãe tôda pasmada.
Não pensaste o que disseste.
Que cousa disparatada!»

«Admiras-te assim, mãizinha?!
Por acaso eu disse mal?
Pois se foi feito de barro
é do reino Mineral.

a terra; o palito és tu e a lâmpada é o sol. Vês, como fazendo girar a laranja, o palito vai «vendo» e deixando de ver a lâmpada? Quando ele a vê, é dia para ele e noite para os que estiverem na face oposta da laranja, isto é, do mundo. Quando deixa de vê-la, é noite. Este movimento, que a terra executa em vinte e quatro horas, sôbre si mesma, como sôbre um eixo, à semelhança de uma roda, chama-se rotação.»

— «Mas o que eu queria que o paizinho me explicasse era o clarão que há bocado vimos no céu...»

— «Lá vamos agora. Uma das provas que nós temos de que a terra é redonda, está em abrangermos, com a vista, até tanto mais longe quanto mais alto subirmos. Assim, o sol, imediatamente depois de desaparecer para aqueles que vivem num vale ou numa planície, pode ser visto ainda por outros que morem na montanha próxima. E isto verifica-se em qualquer parte: o sol deixa de banhar primeiro as casas mais baixas do que as altas. E' que ele vai descendo — aparentemente, visto que a terra é que anda — escondendo-se por detrás da curva, que é a superfície terrestre. Mas, nota bem; se ele, já depois de deixar os vales, as planícies e as casas mais baixas, ainda banha, durante algum tempo, as montanhas e as casas mais altas, que admira que banhe, até mais tarde, as nuvens ou o céu, que estão muitíssimo mais altos ainda? E se, como hoje aconteceu, as nuvens ou a parte do céu que ficam por cima de nós, não puderem receber



(Continua na página 7)

PREMIADOS no CONCURSO: Grandes de Portugal



Carlos de Sousa
1.º Prémio



Eulália das Neves Sequeira
Menção honrosa



Maria de Lourdes Lopes
Menção honrosa



Maria Lucília Mendes d'Abreu
Menção honrosa



Pedro Lemos Loureiro
Menção honrosa



Maria Helena Sans da Silva
Menção honrosa

ANEDOTAS

— Porque estás tu a chorar?
— Porque a Nini não quiere brincar comigo.
— E porque não quiere ela brincar contigo?
— Porque estou a chorar.

* *
A mãe: — Quantas vezes tenho que te dizer, que não podes jogar à bulha com rapazes, Anica?

A Anica: — Posso, sim, minha mãe! Havia de vêr o nariz do José Jacinto como ficou!

* *
A mãe: — Deves perdoar ao teu irmãozinho antes de ires para a cama. Lembra-te que podias morrer durante a noite.

O Quim (com relutância): — Está bem, perdôo-lhe esta noite, mas se não morrer, êle amanhã de manhã bem se pode acautelar.

* *
A professora de higiene: — Porque é que devemos sempre ter cuidado em conservar as nossas casas limpas, asseadas?

ADIVINHA



Vejam se descubrem o pastor desta ovelhina.

CONCURSO GRANDES DE PORTUGAL

Chegaram à nossa redacção, já depois de terminado o prazo para a entrega das cadernetas, mais as seguintes, dos concorrentes:

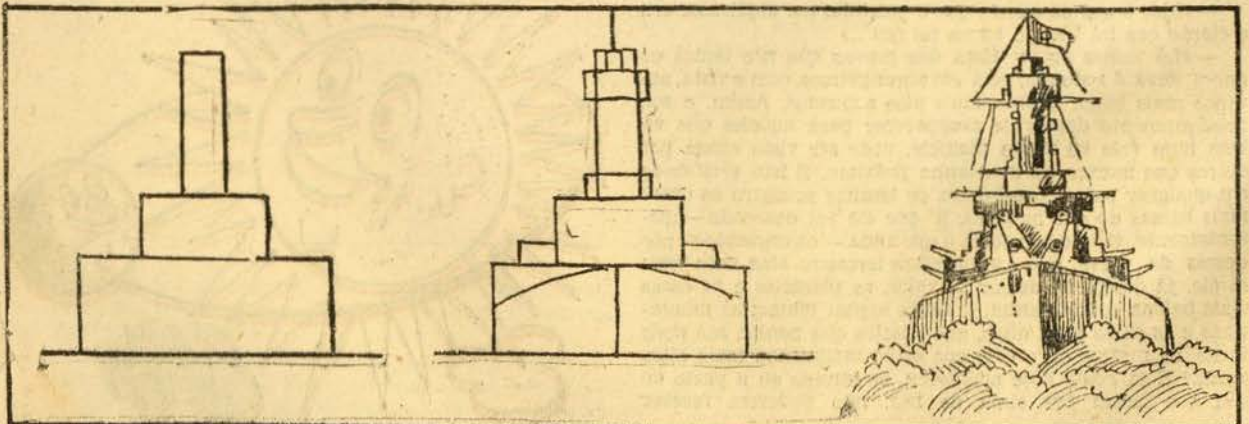
Abílio Carlos C. Tavares, Lisboa; Alberto Baptista de Canha e Sá, Lisboa; António Ambrósio Palminha, S. Bartolomeu de Messines; João Albino Custódio, Lourinhã; Joaquim António Boleu Mocito, Évora; Joaquim Manuel Ferreira Melão, Loures; Luíza Marques Simões, Figueira da Foz; Maria Salomé Alves Teixeira, Lisboa; Ricardina Cadete Ramalho, Reguengos de Monsaraz; e Fernando Carlos P. de Melo Xavier, de Lourenço Marques.

A pequenita: — Porque podem vir visitas dum momento para o outro.

* *
A visita: — Quantos anos tens, Terezinha?

Terezinha: — Tenho cinco e a mamã diz que, se eu não fizer maldades e comer todos os dias a minha farinha de aveia, hei de ter seis para o ano.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um couraçado

HORA DE RECREIO



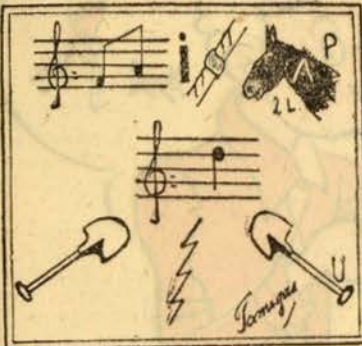
N.º 32 — III CAMPEONATO

SECÇÃO CHARADISTICA

Por AMÉRICO TABORDA

ENIGMA PITORESCO

1 —



CHARADAS SINCOPADAS

2 — Esta cidade portuguesa parece estar dentro dum arco. — 3-2.

Béu

3 — Dei uma bofetada no «animal» — 3-2.

Carlos F. Cotter Moreira

4 — Na taberna também se come bom «peixe». — 3-2.

Carlos V Sousa

5 — O homem anda munido de facho na sua profissão. — 3-2.

Crisante Taborda

6 — Com que suavidade falou «as mulheres!» — 3-2.

B. Ribas

7 — Ful condenado porque levava o jato negro. — 3-2.

Dr. Bigodes

8 — Tive um grande alívio quando chegou ao fim da triste narração. — 3-2.

Eléna

COMBINADAS

B — 1 + to = cidade portuguesa
1 + bo = cano
1 + go = cão pernalta

Conceito: Nação europeia

Bonina

10 — 1 + penas = só
1 + gir = fritar
1 + sa = havição

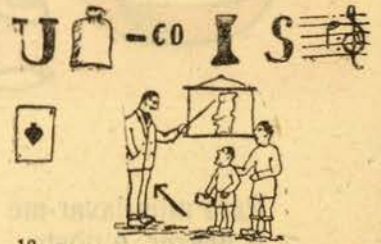
Conceito: Parte do Mundo

11 — 1 + lo = «ave»
1 + lhão = moeda de cobre
1 + to = «parente»
1 + la = quadro

Conceito: Escritório

Dália de Jesus

ENIGMA PITORESCO



12 —

Renato R. Paulo

Anotação ao n.º anterior — O ponto n.º 8 é da autoria de António Pequeno

NOÇÕES DE CHARADISMO ELECTRICAS

Se bem que estas charadas constituam uma modalidade deveras interessante e de fácil interpretação são, na maior parte das vezes, destituídas de interesse para os charadistas feitos. Este facto tem explicação no diminuto número de termos que se adaptam a esta espécie e é devido à longa prática da maior parte da massa charadística para a qual são aquêles muito familiares não oferecendo, por isso, motivo para investigação.

Contudo, no charadismo infantil, esta modalidade é aceitável visto ser, em primeiro lugar, muito fácil.

Para se fazer uma charada electrica procede-se do seguinte modo:

Escolhe-se um termo — sem atenção ao número de sílabas — que, lido em sentido contrário ou seja da direita para a esquerda, nos mostre um outro ou, ainda, o mesmo.

Para exemplo citamos os mais conhecidos:

Aviar — raiva;
amor — Roma;
reter — reter.

Procurando, depois, um sinónimo ou significado do termo escolhido temos, por exemplo:

Aviar = apressar;
raiva = aversão.

Poderemos, então, formar a frase: Nun a devemos apressar a nossa aversão por outem. — 3-2.

Outros exemplos:

Amor = afecto;
Roma = cidade de Itália.

E' grande o meu affecto por esta cidade de Itália. — 2.

Reter = conter;
reter = reprimir.

Devemos conter as nossas paixões e reprimir o ódio. — 2.

Verificamos que, no último exemplo, ambos os termos são iguais.

Convém, neste caso que se procure sinónimos ou significados diferentes. Queremos dizer que não é muito correto fazer a charada com um só termo que, terá de repetir-se.

Américo Taborda

O CLARÃO DO CEU (Continuação da página 5)

directamente a luz do sol, por éle lhes ter também desaparecido já, não é milagre nenhum que a recebam indirectamente, uma ou outra vez, reflectida por outra parte do céu ou por outras nuvens. Esse céu ou essas nuvens procedem, assim como tu, quando fazes «bruxas» com um espelho. Não tens feito reflectir com éle nas paredes ou nos olhos de outras pessoas, que têm de fechá-los, á luz do sol? — «Tenho, sim, paizinho.»

— «Pois o que tu viste no céu, foi a luz do sol, reflectida por uma atmosfera em condições especiais ou por nuvens que lhe deram, ao mesmo tempo, aquela cor vermelha, como podiam ter-lhe dado as cores escura, amarela, negra, etc., que tantas vezes temos visto, de dia, nos astros.»

— «Já compreendi, paizinho. As nuvens estão a divertir-se ás «bruxas», conosco. Mas a mim é que elas já não assustam nem obrigam a fechar os olhos...»



OS Nossos CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Para mim lavar-me
É prazer, é gosto,
Nunca fiz al.....,
Ao lavar o r.....!

Todo o que se preza,
E tem dignidade,
Gosta da l.....,
Desde tenra i.....!



Com gosto e afincio
Me dedico a tudo.
Horas certas b.....,
Passeio e es.....!

Quem assim horas emprega,
Há-de ser afortunado.
«Para tudo o tempo ch...,
Sendo bem apr.....!»

A INAUGURAÇÃO DO ANIMATOGRÁFO

(Continuação na página 1)

pricho, para divertimento da bicharada do sítio.

O entusiasmo era delirante!

Não se falava noutra coisa nas hortas, campos e herdades.

Na noite da estreia, dezenas, centenas, milhares de bichos, aos encontrões, entravam pela horta, onde se realizava o espectáculo.

Nas couves mais altas, no feijolo mais altaneiro, todos se encarrapitavam para não perderem pitada.

Até pela própria alface subiram para apanharem os melhores lugares.

O caso é que tudo estava a postos.

Já a fôlha de rosa aparecera iluminada pela luz do pirilampo, quando todos os bichos começaram a tremer.

Um formigueiro estranho os fazia mexer, agitar, como doidos!

Principalmente, os que estavam nas fôlhas e tronco da alface eram os mais atacados!

Por fim, perceberam do que se tratava.

As formigas do formigueiro da Rabitiga haviam jurado vingar-se da companheira vadia que as abandonara e, em filas compactas, invadiam a horta e os bichos que ali estavam.

O terror espalhou-se pela bicharia, que, aos encontrões, aos baldões, aos empurrões, procurava fugir, numa aflição e balbúrdia nunca vistas!

Aconteceu, porém, o burro do hortelão passar por ali.

Aproveitara uma distração do dono, que o deixara sóto.

Ao vêr, na sua frente, tão bela hortaliça, o animal deu um zurro de satisfação, abriu a grande bocarra e tanto a alface-animatógrafo, como as couves vizinhas, com espectadores e tudo, lhe foram parar ao bucho!

Calculem quantas vítimas houve entre a numerosa assistência!

E o Caracol Trepa-Muros?

Esse conseguiu ainda envolver na sua baba uma data de formigas inimigas, dando-lhes morte, e, ante a bocarra do burro, safou-se, com a casa às costas, para sítio até hoje desconhecido.